Padre e Doutor Misael Gomes - O Educador (*)

J. Teixeira de Freitas

Felizes os que passam sem a mancha do tempo; os que não tingem a túnica no pó da fraqueza humana; os que não desfiguram o ideal no sensabor do ceticismo.

Só os lagos situados em altitudes conservam a limpidez das águas. O Sol pode eriçar-lhes a superfície em verberações de ouro; as árvores refletirem suas frondes insultuosas; e os glaciares seus cumes deslumbrantes. Mas, até nas profundezas, se vislumbram os cascalhos brancos e polidos.

É a imagem da alma que o lodo da maldade não desfigurou!

Sr. Padre e Doutor Misael Gomes!

Sois o homem feliz!

Com setenta anos de experiência e de cultura, tendes apenas a metade de corpo e de espírito.

A quem não conhecesse o Mestre, difícil seria saber se hoje ele vinha de ocupar, ou vinha de deixar, uma cátedra que tanto honrou, por trinta e cinco anos.

Tão vigoroso é o corpo, como ágil é o espírito.

Numa idade em que quase todos definham, viveis uma equilibrada maturidade!

Qual o vosso segredo? O Ministério? O Magistério?

Sacerdote, tivestes a vizinhança continuada do pecado. Professor, a convivência das almas inocentes.

Inclino-me, pois, pela segunda influência.

(*) Saudação proferida em nome do Colégio Militar, quando da aposentadoria do Pe. MISAEL na cátedra de História daquele Estabelecimento.

O Educador, se não tem a idade lógica, tem a idade psicológica dos seus alunos. Por isso, traz a mocidade perpétua na alma e no coração.

É sempre um insatisfeito, um curioso, um ansioso de mais luz.

O Magistério é a prática de um apostolado, votado à revelação renovadora da vida.

Não é permitido envelhecer aos que presidem à eclosão dos talentos, ao desabrochar das inteligências, ao amanhecer da sensibilidade!

É-me difícil saber, Sr. Pe. e Dr. Misael, qual a face mais luminosa do poliedro de vossa personalidade: o Homem? o Sacerdote? o Professor? o Educador? o Mestre?

O Homem, de aparência austera e grave, forrado de autêntica couraça moral. Todavia, a fortaleza se transfigura em bondade, ao contacto de qualquer dos amigos.

O que parece austeridade, é delicadeza e mansidão para os que o procuram. O que revela de gravidade, é compreensão e indulgência para os que dele necessitam.

O Sacerdote, convicto da verdade de sua religião. Crente do valor dos seus cânones; da superioridade da sua doutrina; da importância de sua liturgia e da santidade da sua ascese.

O Professor, crente da grandeza da sua missão. Em dezenas de anos de convívio magisterial, sempre o encontrei reagindo contra uma possível omissão, ou uma natural compressão dos programas.

Os cinqüenta minutos de sua aula sempre foram poucos para conter toda a matéria que pretendia explicar.

Jamais se conformou com a nossa prática, de um assunto em cada aula; quando seu desejo era esgotá-lo em várias horas, por seus estudos especializados, sobre cada flagrante de nossa História.

O Educador, exercendo os místeres da cátedra, com a retidão de um magistrado canônico. As suas notas de exame dadas sempre muito acima das preferências ou idiossincrasias pessoais.

Nunca deixou passar o momento justo para uma orientação edificadora dos seus alunos.

Porque sabe que o padrão de um Educador não é tanto a ciência que *possui,* mas a ciência que sabe *transmitir,* e, muito mais, a *consciência* que sabe *despertar.*

Pois, o homem — escreveu Max Sheler — ou é *consciência* ou não é homem.

O Mestre, portador de bela cultura e vasta erudição.

Ás vezes, a cátedra é o púlpito. E aparece o doutor em direito canônico. A autoridade em Apologética. O orador sacro entre os maiores do clero cearense.

A cátedra é a tribuna do conferencista, em cuja mente poderosa os temas tumultuam, e afloram na palavra sonora, na frase lapidar, ontológica, no período clássico, de sabor acentuadamente latino.

A cátedra, outras vezes, é a tribuna do Instituto do Ceará, onde se alteia o escafandrista das nossas origens. O analista imparcial do nosso passado. O discutidor das controvérsias. O hermeneuta acatado das nossas fontes históricas.

A cátedra é a tribuna da Academia Cearense de Letras. Aí, aparece o esteta da palavra falada e escrita. O crítico da Literatura. O vernaculista autêntico. O poliglota do Latim, do Francês, do Espanhol e do Italiano.

Ainda nos é impossível, Sr. Pe. Dr. Misael, selecionador, no acervo da vossa bagagem, o vosso *canto de cisne*.

Porque, transpusestes o zênite da existência, ainda abrasado de imensa euforia criadora. Já dissestes que o plano das vossas obras só teria execução depois da aposentadoria.

Mas, nesse repasse aligeirado, quero destacar alguns frutos da vossa messe.

— A "Ciência da História", onde, partindo de profunda análise da Evolução da Cultura, provastes, iniludivelmente, o caráter científico da *mestra da vida*.

O conceito de causa e efeito, nas ciências sociais, o princípio necessário de correlação e dependência entre os fenômenos humanos, a especificidade do fato histórico, com tudo isto demonstrastes a autenticidade de rigorosa da ciência de Niebuhr, Droysen, Oncle, Cantu e Capistrano.

— Com *Influências do Oriente na Civilização Ocidental* destes a prioridade, a antecedência causal e necessária da cultura anatólico-asiática sobre a heleno-românica.

— *Em Caminhos da Arte Religiosa no Brasil* aparece, não somente, o investigador desta seara ainda virgem de nosso cadinho cultural, mas, avulta o analista impessoal, o garimpeiro que sabe destacar da ganga-matriz o ouro da arte sagrada.

E longo seria enumerar as Monografias, as Conferências, os Estudos esparsos sobre todos os ângulos do pensamento.

Atualmente, está o impenitente estudioso a escrever um Tratado sobre as *Origens da Civilização Cearense*, como sua contribuição à *Grande História do Ceará*.

Jamais entendestes, Pe. Misael, o tecnicismo pragmatista avassalador, como jamais explicaríeis o nivelamento social, senão pela ascensão das massas, pelo rebaixamento das elites.

Pertenceis, ainda, a uma geração de aristocratas da Cultura; a uma linhagem de nobreza, que guarda, carinhosamente, o culto do Pensamento.

Sois dos que vêem no altar de Minerva uma síntese harmoniosa da Justiça, de Têmis, da emotividade de Diana e da estesia de Apolo; dos que se embalam na litania de um passado que ainda ecoa na Acrópole, no Capitólio e nas ruínas da Sagrada Jerusalém...

Pertenceis aos que cultuam o Humanismo redentor, que se dobra diante das antigas idades, de onde brotaram a etimologia dos sentimentos e a evolução espiritual da espécie.

Sois dos que concebem como grande povo somente aquele que, ao desaparecer no tempo, deixa vibrando na posteridade as criações do seu gênio, a sinfonia do espírito imortal.

Porque das pedras que compuseram Cartago não ficou uma só partícula transfigurada em espírito ou em luz. E a a pátina do tempo já apagou na memória dos homens a imensidade de Babilônia e de Nínive.

Há uma perspectiva ideal, em que a cidade não aparece *grande,* somente porque ocupe imensa área; nem aparece *forte,* somente porque seja capaz de levantar os babilônicos muros, sobre os quais passem seis carros de frente; nem aparece *formosa,* somente porque, como a Babilônia, tenha a luzir nos paramentos dos seus palácios, lousas de alabastro, e a engrinaldá-la os jardins de Semíramis.

Grande só será, nessa perspectiva, a cidade cujos arrabaldes do espírito se estendam para além dos cumes e dos mares, e cujo nome ilumine toda uma jornada da história humana, todo um horizonte do tempo.

A cidade será *forte* e *formosa,* quando, dentre as luzes que se acendem à noite, esteja a lâmpada que nos acompanha na solidão da vigília, e onde se guarde a idéia que surgirá ao sol do outro dia, convertida na força redentora das almas.

Quando Edgard Poe imortalizou Ligéia, a mais misteriosa e adorável das suas criaturas, simbolizou na inapagável luz do seu olhar o hino triunfal do Amor sobre a Morte.

Mestre !

É, pois, ao vosso acendrado amor ao Conhecimento, ao Estudo, à Cultura, que homenageamos neste dia.

Notai! Não é uma despedida. Não falo ao Mestre que parte.

Porque ainda permaneceis nesta Casa. Apenas conquistastes o privilégio de substituir a vossa presença obrigatória por vossa presença voluntária.

Permiti, mais uma vez, que eu invoque aquele povo da latinidade, sobre cujas características mais fortes escrevestes e burilastes, em linguagem ética, a Tese com a qual transpusestes os umbrais do Antigo Colégio Militar, há trinta e cinco anos, em concurso memorável.

Permiti vos lembre que um dos traços mais vivos da psicologia romana era a homenagem aos vencedores. E a homenagem era uma solene coroação.

Recebei, hoje, a vossa coroa.

Tecida, não apenas, com o arminho da nossa amizade, do nosso carinho, do nosso reconhecimento.

Mas, acima de tudo, tecida, com os louros das vossas vitórias, as flores da vossa Cultura, o Ouro do vosso espírito.